

Apagão” elétrico pararia 71% das indústrias de SP

Os empresários paulistas estão preocupados com o risco de abastecimento de energia no País. Uma pesquisa, feita pelo Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) em novembro e divulgada ontem, revela que a eventual falta de energia elétrica pára 71% da indústria.

O estudo, que integra o projeto “Rumos da Indústria Paulista”, fez questionamentos a 551 empresas - micros/pequenas (59%), médias (34%) e grandes (7%) -, de forma aleatória. Na pergunta sobre o impacto da falta de energia na produção, 71% disseram que a interrompem, 18% que a substitui por outra fonte de energia e 11% que o problema afetaria parcialmente.

Wágner Furlan, diretor da Ciesp/Fiesp em Limeira e um dos proprietários da Máquinas Furlan, foi um dos participantes da pesquisa e afirma que seus negócios estão entre os 71% que seriam interrompidos com a falta de energia. “Não temos como substituí-la para fazer as 600 toneladas de aço em nossa fundição e essa é a realidade da maior parte das empresas do Estado e de Limeira também”, afirmou. A energia elétrica é usada como fonte em 99% das empresas. Já o gás liquefeito (GLP) é utilizado por 23% das empresas. Os óleos combustíveis aparecem em 15% e o gás natural, em 12%.

Na terça-feira, o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, disse que “não é impossível ter racionamento. É provável que não tenha”, e defendeu uma campanha para a redução no consumo de energia elétrica e um plano de contingência em um eventual racionamento. No dia seguinte, o ministro de Minas e Energia, Nelson Hubner, descartou o risco de um “apagão” até 2009. Com os reservatórios das hidrelétricas baixos por falta de chuvas, o governo teve de recorrer às termelétricas a gás natural do País.

Para Furlan, o pedido para economia de energia feita por Kelman parece a mais realista. “O governo tenta tapar o sol com a peneira. Os empresários têm, sim, preocupação com as condições atuais”, disse. O acionamento das termelétricas é uma das soluções, mas a energia sai mais cara. “Não temos como segurar estes custos. Quem paga, no final, sempre é o consumidor brasileiro”, salienta.

Aumento nos custos

Furlan diz que chegou a migrar parte de sua fundição para o GLP, mas o item já teve um aumento de 15% no início do ano. Na pesquisa da Ciesp, na falta eventual de gás, 5% das empresas teriam um custo adicional estimado acima de 25%; 10% teriam um aumento entre 16% e 25%, e 15% das indústrias pagariam mais entre 11% e 15% na produção. Numa eventual falta de gás, 61% das empresas iriam substituí-lo por outra fonte de energia, 20% teriam o ritmo afetado parcialmente e 19% teriam de parar a produção.

Foi exatamente os riscos de desabastecimento de gás que fizeram a Comgás a não fornecer o produto para a refinaria de açúcar que iria substituir a Nova América ainda em 2007. Somente nesta semana a distribuidora garantiu o gás mínimo para a

produção, insuficiente para atender o planejamento de vendas no mercado exportador.

Ontem, o presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, admitiu que a situação dos reservatórios de água no País é complicada, mas que a atual estrutura do setor elétrico brasileiro é distinta da de 2001, o ano do “apagão” energético. Furlan, porém, acredita que o governo deveria acelerar a construção das hidrelétricas do rio Madeira e conduzir uma campanha de economia de energia. (RS)

In: “Apagão” elétrico pararia 71% das indústrias de SP. **A Gazeta de Limeira (SP)**, Geral, 12.janeiro.2008.